



## MORFEMAS CAUSATIVOS NAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Quesler Fagundes Camargos (UFMG)<sup>1</sup>  
[queslerc@yahoo.com.br](mailto:queslerc@yahoo.com.br)

Ricardo Campos Castro (UFMG)<sup>2</sup>  
[ricardorrigo@uol.com.br](mailto:ricardorrigo@uol.com.br)

**RESUMO:** Neste trabalho, temos o propósito de investigar o processo de causativização morfológica em quatro línguas indígenas brasileiras, a saber: Juruna (Juruna), Tenetehára (Tupí-Guaraní), Kuikuro (Karíb) e Terena (Aruák). Para isso, utilizaremos inicialmente a proposta teórica de Pykkänen (2002, 2008), segundo a qual os núcleos causativos podem variar parametricamente devido às propriedades sintáticas do complemento de CauseP. Veremos que esse modelo teórico não explica todas as possíveis instanciações do núcleo de CauseP nas línguas indígenas que são investigadas neste artigo. Mais precisamente, evidenciaremos que algumas propriedades semânticas precisam ser consideradas a fim de dar conta dos processos de causativização. Mostramos ainda que as propriedades do argumento externo são irrelevantes para a instanciação do núcleo causativo. Essa observação corrobora a hipótese de que o núcleo de  $\nu$ P deve ser cindido em dois núcleos distintos, a saber: CauseP e VoiceP, conforme delineado por Pykkänen (2002, 2008).

**PALAVRAS-CHAVE:** Línguas Indígenas Brasileiras; Morfologia; Causativos.

**ABSTRACT:** The present study was aimed at investigating the process of morphological causativization in four Brazilian indigenous languages, namely: Juruna (Juruna), Tenetehára (Tupí-Guaraní), Kuikuro (Karíb) and Terena (Aruák). Initially we will assume Pykkänen's (2002, 2008) theoretical proposal, according to which the causative head may vary parametrically on account of the syntactic properties of complement of CauseP. Indeed this theoretical proposal does not account for all possible instantiations of the head of CauseP in indigenous languages that are investigated in this article. More specifically, we will highlight some properties which need to be considered in order to regard for the causative constructions. Pykkänen (2002, 2008) claims that it is possible to implement the split between the head that introduces a causative event, Cause<sup>o</sup>, and the functional head that introduces external arguments, Voice<sup>o</sup>. In this way, we agree that the properties of the external argument are irrelevant to the instantiation of the causative head.

**KEYWORDS:** Brazilian Indigenous Languages; Morphology; Causatives.

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte. E-mail para contato: [queslerc@yahoo.com.br](mailto:queslerc@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte. E-mail para contato: [ricardorrigo@uol.com.br](mailto:ricardorrigo@uol.com.br).



## 1 Introdução

O propósito deste trabalho é investigar o processo de causativização morfológica nas línguas Juruna (Juruna), Tenetehára (Tupí-Guaraní), Kuikuro (Karíb) e Terena (Aruák) a fim de argumentar a favor da intuição de que a morfologia causativa é sensível às propriedades do predicado não causativizado. Para isso, seguiremos a proposta de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual as línguas variam parametricamente quanto à seleção do núcleo de CauseP. Mais precisamente, de acordo com essa autora, o núcleo de CauseP tem como função selecionar como complemento uma raiz, um VP e um vP fásico.

Apesar de este artigo assumir tal pressuposto teórico, veremos, no entanto, que a proposta de Pylkkänen (2002, 2008) não é capaz de prever todas as possibilidades de ocorrências de morfologia causativa nas línguas indígenas brasileiras. Mostraremos que essas línguas trazem um conjunto de argumentos empíricos que extrapolam a predição de Pylkkänen (2002, 2008). Assim, será mostrado que a escolha de determinados morfemas causativos em cada língua pode estar relacionada com a natureza ora sintática ora semântica do complemento do núcleo causativo.

Este artigo está organizado em quatro seções. Na seção 2, discutimos sucintamente a proposta teórica de Pylkkänen (2002, 2008). Na seção 3, analisamos as línguas Juruna, Tenetehára, Kuikuro e Terena. Na seção 4, por fim, encerramos com as considerações finais.

## 2 Quadro teórico

No âmbito da tipologia linguística, de acordo com Comrie (1989), as construções causativas são descritas como sendo bioracionais uma vez que envolvem duas situações, a saber: a causa e o efeito dessa causa. Como corolário disso, em termos descritivos, podemos assumir que, quando um morfema causativo se junta a uma base verbal, geralmente um argumento externo é acrescentado à estrutura argumental.

Quando isso ocorre, o novo argumento corresponde, em geral, a um sujeito com a propriedade semântica de agente. Adicionalmente, duas situações podem ocorrer: (i) um verbo intransitivo transforma-se em transitivo, conforme exemplos<sup>3</sup> em (1) e (2) abaixo, e (ii) um verbo transitivo passa a ter três argumentos nucleares, como em (3).

#### Japonês

- 1) a. *Yasai-ga kusa-tta*  
vegetal-NOM apodrecer-PAST  
“O vegetal apodreceu” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 73)
- b. *Taroo-ga yasai-o kus-ase-ta*  
Taro-NOM vegetal-ACC apodrecer-CAUS-PAST  
“Taro fez o vegetal apodrecer” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 73)  
[Lit. Taro apodreceu o vegetal]

#### Finlandês

- 2) a. *Ikkuna hajo-si*  
janela quebrar-PAST  
“A janela quebrou” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 73)
- b. *Liisa hajo-tti ikkuna-n*  
Liisa.NOM quebrar-CAUS janela-ACC  
“Liisa quebrou a janela” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 73)

#### Japonês

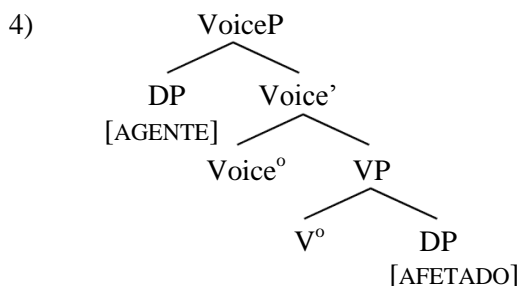
- 3) a. *John-ga kodomo-o nak-asi-ta*  
John-NOM criança-ACC chorar-CAUS-PAST  
“John fez a criança chorar” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 110)
- b. *Taroo-ga Jiroo-ni sensei-o nak-as-ase-ta*  
Taroo-NOM Jiroo-DAT professor-ACC chorar-CAUS-CAUS-PAST  
“Taro fez o Jiroo fazer o professor chorar” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 112)

Para dar conta dos exemplos apresentados de (1) a (3), Pylkkänen (2002, 2008) parte da proposta teórica de Kratzer (1996), segundo a qual o domínio funcional de verbos transitivos de ação deve conter um núcleo, o qual é nomeado<sup>4</sup> como Voice<sup>o</sup>. Esse

<sup>3</sup> Abreviaturas utilizadas neste trabalho: A: sujeito de verbo transitivo; ABS: Caso absolutivo; ACC: Caso acusativo; APPL: morfema aplicativo; ASP: aspecto; CAUS: morfema causativo; CONT: aspecto contínuo; DAT: dativo; DET: determinante; ERG: Caso ergativo; CT: consoante temática; IMPF: imperfeito; INST: instrumental; INTS: morfema intensificador; MOD: modo; NOM: Caso nominativo; NOML: nominalizador; PAST: passado; O: objeto; OBJ: objeto; PERF: aspecto perfectivo; PONT: aspecto pontual; REC: recente; RED: reduplicação; REL: relacional, sufixo de posse; REFL: prefixo reflexivo; S: sujeito; Sa: sujeito de intransitivo ativo; SG: singular; So: sujeito de transitivo inativo; VBZ: verbalizador; 3S: terceira pessoa do singular.

<sup>4</sup> Kratzer (1996, p. 120) argumenta que “what I want suggest is that Johnson’s  $\mu$  is a head that introduces the external argument in addition to assigning accusative Case. Having acquired semantic content,  $\mu$

núcleo mantém uma relação composicional com o evento causado (=VP) e uma relação temática ao introduzir um argumento externo com as propriedades semânticas de agente. Tal relação pode ser mapeada da seguinte maneira:



Com o intuito de aperfeiçoar a proposta de Kratzer (1996), Pylkkänen (2002, 2008) propõe que todas as construções causativas devem necessariamente envolver um núcleo CAUSE<sup>o</sup>, cuja função principal é relacionar o evento da causação com o evento causado<sup>5</sup>. Para isso, Pylkkänen (2002, 2008) dissocia o núcleo CAUSE<sup>o</sup> do núcleo Voice<sup>o</sup>.

Uma das evidências empíricas que permitiu propor tal mapeamento deveu-se ao fato de línguas como o japonês e o finlandês aceitarem causativizações sem que um argumento externo agente seja introduzido no evento. Em suma, nos exemplos em (5) e (6), nota-se que há um morfema causativo na morfologia do verbo sem que um agente tenha sido introduzido na estrutura.

- Japonês (causativa de adversidade)**
- 5) a. *Taroo-ga musuko-o sin-ase-ta*  
 Taro-NOM filho-ACC morrer-CAUS-PAST  
 “O filho de Taro morreu em detrimento de Taro” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 81)
- b. *Taroo-ga sensoo-ni-yotte musuko-o sin-ase-ta*  
 Taro-NOM guerra-POR filho-ACC morrer-CAUS-PAST  
 “O filho de Taro morreu em detrimento de Taro pela guerra” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 82)

---

deserves a meaningful name. I will call it VOICE. This choice of name is no arbitrary. Kratzer (forthcoming) argues that Voice is truly at the heart of a theory of voice. [...] **External arguments are arguments of Voice, and hence are base-generated in SPEC of VoiceP.** Direct objects (of verbs) are arguments of V, and hence are base-generated in SPEC of VP.” [grifos nossos].

<sup>5</sup> Conforme Pylkkänen (2002, p. 79) “the causative sentence has two relations that the corresponding noncausative does not have: a causation relation relating the causing event to the caused event and a thematic relation between the causing event and [...] the external argument.”

- 6) a. **Finlandês (causativa desiderativa)**  
*Maija-a laula-tta-a*  
Maija-PART cantar-CAUS-3SG  
“Maija sente vontade de cantar” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 86)
- b. *Maija-a naura-tta-a*  
Maija-PART rir-CAUS-3SG  
“Maija sente vontade de sorrir” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 86)

A consequência que exemplos como (5) e (6) trazem para a estrutura argumental dos verbos causativos é que apenas o núcleo CAUSE<sup>o</sup> será projetado. Assim sendo, tomando por base dados como esse, Pylkkänen (2002, 2008) propõe um núcleo CAUSE<sup>o</sup> separado de Voice<sup>o</sup>. Consoante a essa análise, a diferença entre os núcleos CAUSE<sup>o</sup> e Voice<sup>o</sup> é que CAUSE<sup>o</sup> apenas introduz o evento da causação, enquanto Voice<sup>o</sup> projeta o argumento externo agente.

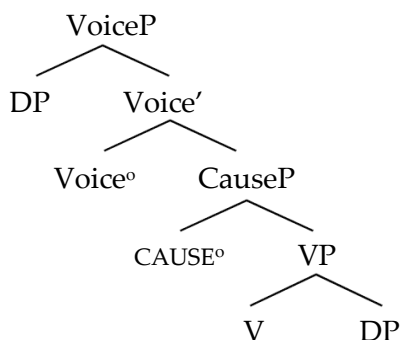
Vale ressaltar que a proposta de Pylkkänen (2002, 2008) vai contra as propostas anteriores a respeito do fenômeno da causativização. Tradicionalmente os morfemas causativos eram vistos como introdutores de argumento externo com a propriedade semântica de agente. Entretanto, exemplos como em (5) e (6) acima demonstram claramente que essa proposta está equivocada. Dessa maneira, Pylkkänen (2002, 2008) mostra que nem sempre um argumento externo agente deve ser introduzido em construções causativas. Logo, é de se esperar que CAUSE<sup>o</sup> seja incapaz de projetar um argumento externo<sup>6</sup>. Dessa forma, tomando por base a existência do núcleo CAUSE<sup>o</sup>, assumiremos, a partir de agora, que a estrutura argumental das construções causativas deve possuir a seguinte configuração sintática:

---

<sup>6</sup> Segundo Pylkkänen (2002, p. 90) “since there are languages that force us to separate CAUSE from Voice, [...], so that CAUSE would never introduce an external argument.”

### Causativo selecionando um verbo

7)



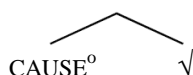
Adicionalmente, Pylkkänen (2002) assume que o núcleo CAUSE<sup>o</sup> pode selecionar, pelo menos, três tipos de complementos. Essa seleção dependerá do parâmetro que cada língua aciona, conforme a seguir:

- 8)
- a. uma raiz;
  - b. um VP;
  - c. um vP fásico (ou seja, um vP com argumento externo).

Pylkkänen (2002, 2008) notou que, quando CAUSE<sup>o</sup> seleciona diretamente uma raiz<sup>7</sup>, não é possível haver: (i) uma modificação dessa raiz por advérbios modificadores de VP, (ii) morfologia verbal entre o núcleo CAUSE<sup>o</sup> e a raiz, (iii) modificadores orientados para o agente do evento causado e (iv) morfologia de aplicativo alto entre a raiz e CAUSE<sup>o</sup>. Em síntese, a autora assume que o formato de uma construção causativa cujo núcleo CAUSE<sup>o</sup> seleciona raiz é o seguinte:

### Causativo selecionando uma raiz

9)

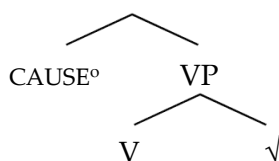


<sup>7</sup> De acordo com Pylkkänen (2002, p. 96) “with root-selecting, all verbalizing morphology should be impossible between the causative morpheme and the root. Any such morphology would verbalize the root and from a constituent that a root-selecting causative head would not be able to combine with.”

Por sua vez, quando o núcleo CAUSE<sup>o</sup> seleciona um VP<sup>8</sup>, é possível haver: (i) uma modificação de VP por advérbios modificadores de VP e (ii) morfologia verbal entre a raiz e CAUSE<sup>o</sup>. Além do mais, não é possível haver: (iii) modificadores orientados para o agente de evento causado e (iv) morfologia de aplicativo alto entre a raiz e CAUSE<sup>o</sup>. Por conseguinte, Pylkkänen (2002, 2008) propõe que o formato de uma construção causativa, cujo núcleo CAUSE<sup>o</sup> seleciona um VP, é o seguinte:

#### Causativo selecionando um verbo

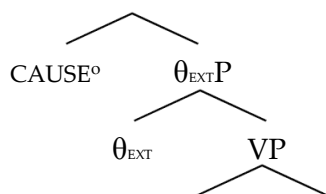
10)



Por fim, quando o núcleo CAUSE<sup>o</sup> seleciona um vP fásico<sup>9</sup>, é possível haver: (i) modificação de VP por advérbios modificadores de VP, (ii) morfologia verbal entre a raiz e CAUSE<sup>o</sup>, (iii) modificadores orientados para agente de evento causado e (iv) morfologia de aplicativo alto entre a raiz e CAUSE<sup>o</sup>. Assim sendo, Pylkkänen (2002, 2008) propõe que o formato do causativo que seleciona um vP fásico é:

#### Causativo selecionando uma Fase

11)



Na próxima seção, analisaremos as línguas Juruna, Tenetehára, Kuikuro e Terena.

<sup>8</sup> Segundo Pylkkänen (2002, p. 96) “verb-selecting causatives [...] should allow verbal morphology between CAUSE and the root; in fact, they should require it since the root must be verbalized before the causative head can take it as an argument. By hypothesis, this verbalizing morphology should not, however, be able introduce external arguments, i.e. arguments of Voice or arguments of high APPL. Low applicatives, on the other hand, should have no problem occurring inside a verb-selecting causative.”

<sup>9</sup> Conforme Pylkkänen (2002, p. 96) “phase-selecting causatives should not exhibit any restrictions as regards the type of verbal morphology they allow between the root and CAUSE; all verbal heads should be possible, including high applicatives.”

### 3. Realização morfológica de Cause<sup>o</sup>

Nesta seção, buscaremos evidenciar que as línguas Juruna (Juruna), Tenetehára (Tupí-Guaraní), Kuikuro (Karíb) e Terena (Aruák) confirmam a proposta de Pylkkänen (2002, 2008) de que a morfologia causativa varia parametricamente devido às propriedades do evento causado. No entanto, será mostrado que o modelo proposto por essa autora não é suficiente para dar conta de todas as ocorrências de morfologia causativa nessas línguas.

#### 3.1. Língua Juruna (Família Juruna)

De acordo com Lima (2008), há na língua Juruna três processos de transitivização complexa, a saber: os morfemas {*ũ-*} e {*ma-*} afixam-se a predicados intransitivos, transformando-os em transitivos. Além disso, a partícula *ada* realiza-se junto a verbos transitivos, introduzindo um terceiro argumento à estrutura sintática.

Como será observado, o morfema {*ũ-*} causativiza verbos intransitivos inergativos, tornando-os transitivos, conforme os exemplos a seguir, retirados de Fargetti (2001, p. 187-188):

- 12) a. *tahú*                      *apì*  
          correr                      cachorro  
          “O cachorro correu”
- b. *una*    *apì*                      *y=ũ-táhú*                      *anu*  
          1S    cachorro                      3S=CAUS-correr    ASP  
          “Eu fiz o cachorro correr”
- 13) a. *d=awai*                      *lakariku*  
          3S=pessoal                      rir  
          “O pessoal dele riu”
- b. *d=awai*                      *y=ũ-lakariku*  
          3S=pessoal                      3S-CAUS-rir  
          “Ele fez o pessoal dele rir”



Por sua vez, o morfema {*ma-*} causativiza verbos intransitivos inacusativos, envolvendo-os em transitivos, conforme os exemplos abaixo, os quais foram extraídos de Fargetti (2001, p. 188-191):

- 14) a. *epá* *txuxi*  
 pau queimar  
 “O pau queimou”
- b. *ali epa ma-txuxi*  
 menino pau CAUS-queimar  
 “O menino fez o pau queimar”
- 15) a. *txukãhã ariru anu*  
 arco liso ASP  
 “O arco está liso”
- b. *txidji udi i=ma-rira-rira he*  
 depois 1P 3S=CAUS-liso-RED 3S  
 “Então a gente o faz ficar liso (alisa-o)”

Fargetti (2001) mostra ainda que esses dois morfemas não podem ser alternados de forma aleatória, uma vez que estão em distribuição complementar. No contexto em que se realiza o morfema {*ma-*}, não pode ocorrer {*ũ-*} e vice-versa. A agramaticalidade dos exemplos em (b) abaixo corrobora tal afirmação.

- 16) a. *y=ũ-pĩna pĩza be*  
 3s=CAUS-parar canoa DAT  
 “Ele fez a canoa parar”
- b. *\*ali pĩza ma-pĩna*  
 menino canoa CAUS-parar  
 “O menino fez a canoa parar”
- 17) a. *ali epa ma-txuxi*  
 menino pau CAUS-queimar  
 “O menino fez o pau queimar”
- b. *\*ali epa y=ũ-txuxi*  
 menino pau 3S-CAUS-queimar  
 “O menino fez o pau queimar”

Observe que as versões causativas geradas pelos predicados inergativos e inacusativos, nos exemplos de (12) a (15), introduzem, na função sintática de sujeito, um argumento com o mesmo papel temático, a saber: o de agente. A despeito disso, a

morfologia causativa se alterna entre {*ma-*} e {*ũ-*}. Tal fato revela que o morfema causativo em Juruna é sensível à natureza sintático-semântica do predicado não causativizado.

Essa alternância entre {*ma-*} e {*ũ-*} confirma a intuição de Pykkänen (2002, 2008), segundo a qual os processos de causativização morfológica variam parametricamente devido às propriedades seletivas do complemento do morfema causativo. Além do mais, a morfologia causativa não contém propriedades que subcategorizam o argumento externo, uma vez que esse elemento, na verdade, é introduzido por outro núcleo, a saber: Voice<sup>o</sup> (cf. Kratzer 1996).

Segundo Fargetti (2001) e Lima (2008), uma vez que a língua Juruna não permite causativização morfológica de verbos transitivos, é bem provável que não haja na língua um núcleo CAUSE<sup>o</sup> que seleciona vP fásico. A causativização de verbos transitivos se manifesta sintaticamente, conforme os exemplos abaixo, em que se manifesta o verbo leve *ada* “mandar”.

- 18) a.    *senahi ali      ada              ukaha ita*  
         homem menino **mandar**      arma    pegar  
         “O homem fez/mandou o menino pegar a arma”
- b.    *izihaha              idja              utu      wapa              ada*  
         pajé              mulher              beber    remédio              **mandar**  
         “O pajé fez/mandou a mulher beber o remédio”

Enfim, tendo em vista a proposta de Pykkänen (2002, 2008), segundo a qual o núcleo CAUSE<sup>o</sup>, e não Voice<sup>o</sup>, é o responsável por selecionar o evento causado (= VP), a língua Juruna traz uma evidência a favor dessa proposta, visto que há dois morfemas causativos, cujas realizações estão intimamente ligadas à natureza sintático-semântica do VP. Em termos descritivos, se o complemento de CAUSE<sup>o</sup> for um verbo inacusativo, cujo sujeito inicial é um tema ou paciente, então o morfema {*ma-*} será ativado. Caso o complemento de CAUSE<sup>o</sup> seja um verbo inergativo, cujo sujeito inicial corresponde a um agente, então o morfema {*ũ-*} será desencatilhado. Portanto, a natureza do argumento externo, o qual é introduzido após a causativização, não interfere na escolha do morfema causativo, já que o novo DP é inserido em uma projeção acima de CauseP.

### 3.2. Língua Tenetehára (Família Tupí-Guaraní)

Conforme Duarte e Castro (2010), o prefixo {*mu-*}, em Tenetehára, tem a função de se juntar a verbos intransitivos a fim de transformá-los em predicados transitivos. A partir dessa análise, Camargos (2013) demonstra que essa língua exibe dois morfemas causativos, a saber: (i) o morfema {*mu-*}, que causativiza verbos inacusativos e inergativos, introduzindo uma causação direta; e (ii) o morfema {*-kar*}, que causativiza verbos transitivos, codificando uma causação indireta.

De acordo com Whaley (1997), a distinção básica entre a causação direta e a causação indireta refere-se à capacidade da mente humana em descrever a relação entre dois eventos. Como os nomes já indicam, a causação direta refere-se a uma situação em que as ações de um causador têm um impacto imediato sobre as ações do participante causado, ao passo que a causação indireta refere-se a uma situação em que a causação é mais distante. Para sermos mais precisos, veja a seguir como Whaley (1997, p. 194) descreve cuidadosamente a distinção entre essas duas causações:

“Por exemplo, você está sentado em um banco em um cruzamento movimentado e tem a infelicidade de presenciar um terrível acidente. Uma menina pequena persegue uma bola de basquete que ela foi driblando até a rua. Depois, a bola ricocheteou em seu pé. Nesse exato instante, um carro em alta velocidade vira a esquina e atinge a menina. É muito mais provável que você grite: “Eu acho que ele a matou” ao invés de “Eu acho que ele fez com que ela morresse”. Se ambas as declarações são causativas, por que a primeira seria tão obviamente preferida? A construção analítica causativa *fazer morrer* implica uma causação indireta. Mas nesse cenário não há dúvidas de que a ação do motorista levou diretamente a morte da menina, independentemente de ter ou não a intenção de fazê-lo. Portanto, a expressão *fazer morrer* é enganosa. Ela falha a capturar a natureza da causação”.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Tradução aproximada de: “For example, you are sitting on a bench at a busy intersection and have the misfortune of witnessing a terrible accident. A small girl chases a basketball that she has been dribbling into the street after it caroms off her foot. At just the moment, a speed car zips around the corner striking the girl. It is far more likely that you yell out “I think he killed her” than “I think he caused her to die”. If both the utterances are causatives, why would one be so obviously preferred? The analytical causative construction *cause to die* implies indirect causation, but in this scenario there is no doubt that the driver’s actions directly brought about the girl’s death, even if there was no intention to do so. Therefore, to use *cause to die* is misleading. It fails to capture the nature of the causation.”

Camargos (2013) ilustra a causação direta com o exemplo em (19). Veja que o predicado inergativo *zahak* “banhar”, ao receber o causativo direto {*mu-*}, introduz um argumento externo agente cuja ação tem um impacto imediato sobre o participante causado. Dessa forma, o DP *kwarer* “menino” não executa nenhuma ação para que fique banhado. Note adicionalmente que, enquanto o DP *kwarer* “menino” em (19a) possui a propriedade semântica de agente, esse mesmo argumento passa a exercer a função semântica de afetado em (19b).

- 19) a. *u-zahak*      *kwarer*      *a'e*  
 3-banhar      menino      ele  
 “O menino tomou banho” (CAMARGOS, 2013, p. 40)
- b. *u-mu-zahak*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-banhar      mulher      menino      ele  
 “A mulher deu banho no menino” (CAMARGOS, 2013, p. 40)

De acordo com Camargos (2013), o sufixo {-*kar*}, por sua vez, afixa-se a verbos transitivos a fim acrescentar um terceiro argumento à estrutura argumental. Em termos semânticos, essa morfologia denota uma causação indireta, uma vez que o novo argumento exerce uma ação cujo impacto sobre o participante causado é mais distante. Observe o exemplo a seguir:

- 20) a. *w-exak*      *kwarer*      *zawar*      *a'e*  
 3s-ver      menino      cachorro      ele  
 “O menino viu o cachorro”
- b. *w-exak-kar*      *awa*      *zawar*      *kwarer*      *ø-pe*      *a'e*  
 3s-ver-CAUS      homem      cachorro      menino      C-por      ele  
 “O homem fez o menino ver o cachorro”

No exemplo (20a), o verbo transitivo *exak* “ver” seleciona dois argumentos, o DP sujeito *kwarer* “menino” e o DP objeto *zawar* “cachorro”. Em (20b), por sua vez, o morfema causativo indireto {-*kar*} acrescenta um terceiro argumento à estrutura argumental: o DP causador *awa* “homem”. Uma evidência adicional de que o morfema {-*kar*} envolve uma causação indireta se baseia no fato de que o participante causado em (20b), a saber, o DP *kwarer* “menino”, apresenta a propriedade semântica de agente-

afetado. É afetado porque sofre a ação iniciada pelo DP *awa* “homem” e também é agente porque é responsável pelo evento “ver o cachorro”.

Adicionalmente, a língua Tenetehára dispõe de um terceiro morfema cuja função é adicionar um DP à estrutura do predicado, a saber: o morfema aplicativo {*eru-*}. Essa unidade gramatical foi analisada inicialmente por Rodrigues (1953, p. 1) em relação ao Tupi antigo falado pelo “Tupinambá do Brasil oriental no período abrangido pelos séculos XVI e XVII”. Assim, Rodrigues (1953) propôs o termo causativo-comitativo com a finalidade de indicar que tal morfema atribui uma função semântica e uma leitura causal à estrutura em que ocorre. Devido a isso, a tradição de estudos em línguas Tupí passou a adotar essa terminologia. Em estudos mais recentes, Vieira (2001, 2010), acompanhando a tipologia de núcleos aplicativos de Pylkkänen (2002, 2008), propôs que esse morfema é a instanciação de um núcleo aplicativo alto. Na língua Tenetehára, em termos descritivos, essa morfologia se junta a verbos inacusativos e inergativos com o intuito de inserir um objeto sintático cujo papel temático é o de comitativo, de acordo com os exemplos abaixo:

21) *w-eru-ata*      *awa*                      *kwarer*                      *a'e*  
 3-APPL-andar    homem                      menino                      ele  
 “O homem anda com o menino” (CAMARGOS, 2013, p. 142)

22) *w-eru-hem*      *awa*                      *kwarer*                      *tàpuz*    *ø-wi*    *a'e*  
 3-APPL-sair      homem                      menino                      casa    C-de    ele  
 “O homem sai da casa com o menino” (CAMARGOS, 2013, p. 142)

Camargos (2013), acompanhando a proposta de Pylkkänen (2002, 2008), mostra que em Tenetehára os núcleos Voice<sup>o</sup> e Cause<sup>o</sup> podem ser mapeados em dois núcleos distintos. Tal hipótese, segundo o autor, pode ser corroborada por meio de dois fatos empíricos. O primeiro diz respeito à coocorrência do reflexivo {*ze-*} e o causativo direto {*mu-*}. Assim, o reflexivo corresponde à instanciação do núcleo Voice<sup>o</sup>, enquanto o causativo em questão refere-se ao núcleo Cause<sup>o</sup>. Veja os exemplos abaixo:

23) a.      *i-pihun*                      *kwarer*                      *a'e*  
           3s-preto                      menino                      ele  
           “O menino está pintado (de preto)” (CAMARGOS, 2013, p. 115)

b. *u-mu-pihun*      *awa*      *kwarer*      *a'e*  
 3s-CAUS-preto    homem      menino      ele  
 “O homem pinta (de preto) o menino” (CAMARGOS, 2013, p. 115)

c. *u-ze-mu-pihun*      *awa*      *a'e*  
 3-REFL-CAUS-preto    homem      ele  
 “O homem se pinta (de preto)” (CAMARGOS, 2013, p. 115)

Em (23a), o verbo deadjetival *pihun* “estar pintado de preto” seleciona o sujeito *kwarer* “menino”. Em (23b), esse predicado recebe o morfema causativo {*mu-*}, tornando-se, por meio de incorporação de núcleo, o verbo *mupihun* “pintar”. Finalmente, em (23c), o morfema reflexivo {*ze-*} indica que o argumento externo realiza e sofre a ação descrita pela predicação verbal. Note que, em (23b), o morfema causativo {*mu-*} tem duas funções, a saber: (i) selecionar o evento causado e (ii) introduzir a leitura causativa. Camargos (2013) postula que o DP agente *awa* “homem” é introduzido pelo núcleo Voice<sup>o</sup>, o qual é nulo { $\emptyset$ } em (23b), mas é fonologicamente preenchido por meio do morfema {*ze-*} em (23c). Assim, o morfema de voz reflexiva {*ze-*}, em (23c), é uma das instanciações do núcleo de VoiceP. Logo, nesse exemplo, temos uma situação na qual os núcleos de CauseP e de VoiceP são projetados separadamente.

A segunda evidência de que, em Tenetehára, os núcleos Cause<sup>o</sup> e Voice<sup>o</sup> são realizados por núcleos funcionais distintos consiste na capacidade de os morfemas aplicativo alto {*eru-*} e causativo {*mu-*} coocorrerem. Note os exemplos que se seguem.

24) a. *u-ker*      *kwarer*      *a'e*  
 3-dormir      menino      ele  
 “O menino dormiu”

b. *u-mu-ger*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-CAUS-dormir    mulher      menino      ela  
 “A mulher fez o menino dormir”

c. *w-eru-mu-ger*      *kuzà*      *kwarer*      *a'e*  
 3-APPL-CAUS-dormir    mulher      menino      ela  
 “O menino dormiu (com) a mulher” (Lit.: Houve um evento implícito que causou o menino dormir com a mulher)

Em (24a), o predicado *ker* “dormir” seleciona um único argumento, a saber, o DP *kwarer* “menino”. Já em (24b), o morfema causativo direto {*mu-*} introduz a leitura

causativa e seleciona um evento causado, nos termos de Pylkkänen (2002, 2008). Além disso, o DP *kuzà* “mulher” é introduzido pelo núcleo VoiceP, que nesse exemplo não é realizado fonologicamente. Por sua vez, em (24c), o DP *awa* “homem” é selecionado pelo núcleo aplicativo alto cuja instanciação se dá por meio do morfema {*eru-*}. O curioso é que, apesar de o DP *awa* “homem” exercer a função sintática de sujeito, ele exibe a função semântica de comitativo. Portanto, em (24c), temos outro contexto em que há a projeção do núcleo de CauseP sem a instanciação de VoiceP, uma vez que não há nenhum argumento externo agente projetado, mas sim um argumento aplicado alto, por meio de ApplP.

### 3.3. Língua Kuikuro (Família Karíb)

De acordo com Franchetto (2002, p. 22) “um verbo transitivo [...] não pode ser causativizado, já que a própria ‘ergatividade’ expressa (morfo)sintaticamente o traço de causa externa”. A autora argumenta que os verbos intransitivos, por sua vez, podem ser transitivizados mediante os afixos {-*ne*} e {-*ki*} (e seus alomorfes). Esses morfemas causativos, em termos descritivos, introduzem um argumento externo que recebe a posição de Caso ergativo *heke* e exibe o papel temático de causador, conforme o exemplo a seguir:

- 25) *t-umuku-gu*      *üngki-ne-tagü*      *itão*      *heke*  
REFL-filho-REL    dormir-CAUS-CONT    mulher      ERG  
“A mulher está fazendo seu filho dormir” (FRANCHETTO, 2002, p. 22)

Contudo, além da causativização morfológica, conforme o exemplo acima, Franchetto (2002) também mostra que a causativização sintática é produtiva em Kuikuro, como o exemplo abaixo:

- 26) *e-üngü-toho*      *e-üi-tagü*      *u-heke*  
2-dormir-NOML    2-fazer-CONT    1-ERG  
“Eu estou te adormecendo” (FRANCHETTO, 2002, p. 22)

O curioso é que, segundo essa autora, o critério de seleção dos morfemas {-ne} e {-ki} está condicionada à função semântica do sujeito da oração encaixada (não causativa). Assim sendo, o morfema {-ne} afixa-se a radicais que pertencem à classe flexional II, que corresponde aos predicados intransitivos cujo sujeito interno tem as funções semânticas de tema ou paciente, conforme os exemplos a seguir:

- Verbo inergativo**
- 27) a. *u-muku-γu*      *φ-nakaŋu-niγi*  
 meu-filho-REL    ABS-banhar-PONT  
 “Meu filho tomou banho”
- b. *u-muku-γu*      *φ-nakaŋu-ne-niγi*      *u-heke*  
 meu-filho-REL    ABS-banhar-CAUS-PONT    eu-ERG  
 “Eu fiz meu filho tomar banho”
- Verbo inacusativo**
- 28) a. *ekeye*    *φ-apiŋu-niγi*  
 onça    ABS-morrer-PONT  
 “A onça morreu”
- b. *ekeye*    *φ-apiŋu-ne-niγi*      *u-heke*  
 onça    ABS-morrer-CAUS-PONT    eu-ERG  
 “Eu fiz a onça morrer”

Já o morfema {-ki-} afixa-se a radicais que pertencem à classe flexional III e IV, que corresponde aos predicados intransitivos cujo sujeito interno exibe o papel temático de experienciador, conforme os exemplos a seguir:

- Verbo psicológico**
- 29) a. *u-hisu*      *leha*  
 eu-vergonha    ASP  
 “Eu fiquei com vergonha”
- b. *e-hisu-ki-ji*      *ekise*    *heke*  
 te-vergonha-CAUS-PONT    ele    ERG  
 “Ele fez você ficar com vergonha”
- 30) a. *u-iŋunkyŋu-tayi*  
 eu-pensar-CONT  
 “Eu estou pensando”
- b. *i-tsasi*      *heke*    *i-iŋunkyŋu-ki-tsayi*  
 3-trabalho    ERG    ele-pensar-CAUS-PONT  
 “O trabalho dele o fez pensar”



Observe que a morfologia causativa nessa língua é sensível ao predicado não causativo. Dessa forma, essa alternância morfológica, entre {-ne} e {-ki}, mostra que o núcleo de Cause<sup>o</sup> alterna tendo em vista o seu complemento VP. Essa particularidade da língua Kuikuro sustenta a intuição de Pykkänen (2002), segundo a qual o núcleo causativo nas línguas naturais varia parametricamente devido às propriedades de seleção de complemento do núcleo de CauseP.

Em termos descritivos, se o complemento de CAUSE<sup>o</sup> for um verbo inacusativo ou inergativo, então o morfema {-ne} será ativado. Caso o complemento de CAUSE<sup>o</sup> seja um verbo psicológico, cujo argumento nuclear é um experienciador, então o morfema causativo {-ki} será desengatilhado. Além do mais, a natureza sintático-semântica do argumento externo, o qual é introduzido após a causativização, não interfere na escolha do morfema causativo, já que o novo DP é inserido em uma projeção acima de CauseP.

### 3.4. Língua Terena (Família Aruák)

Nascimento (2012), acompanhando a tipologia de Whaley (1997), demonstra que a língua Terena exibe os três tipos de estruturas causativas, a saber: (i) causativa morfológica, (ii) causativa lexical e (iii) causativa analítica ou perifrástica.

Nessa língua, conforme a autora, a causativização, quando vem codificada no léxico, não é muito produtiva. A autora exemplifica tal tipo de causativização com o par *koepoko* “matar” e *ivokovo* “morrer”, conforme os seguintes dados:

- 31) *koepoko-a*      *varututu*      *ne*      *ovoe*  
matar-3OBJ      urubu      DET      jabuti  
“O urubu matou o jabuti”
- 32) *ivokovo*      *ne*      *ovoe*  
morrer      DET      jabuti  
“O jabuti morreu”

A causativa analítica, por sua vez, é muito produtiva na língua em questão e são disponibilizados vários verbos, tais como *itukoti* “fazer”, *pahukoti* “mandar” e *epenoti*

“pedir”. Observe abaixo um exemplo de causativização perifrástica com o verbo *itukoti* “fazer”.

- 33) *porá hoyeno ø-itu-k-o-a ø-hiyoke-x-e-a*  
 DET homem 3-fazer-CT-MOD-3OBJ 3-dançar-CT-MOD-3OBJ
- ra seno kalivono*  
 DET mulher criança  
 “O homem fez a menina dançar”

Em relação à causativização morfológica, há na língua Terena dois morfemas causativos em distribuição complementar: {*ko-*} e {*i-*}. Mais especificamente, enquanto o primeiro causativiza verbos intransitivos, o segundo causativiza predicados transitivos. Começamos com o morfema {*ko-*} que, no dado em (42) abaixo, causativiza o verbo descritivo *pu'í* “estar gordo”.

- 34) a. *pu'í-ti ra kure*  
 gordo-IMPF DET porco  
 “O porco está gordo” (NASCIMENTO, 2012, p. 84)
- b. *ko-pu'í-k-o-a hoyeno ra kure*  
 CAUS-gordo-CT-MOD-3OBJ homem DET porco  
 “O homem engordou o porco” (NASCIMENTO, 2012, p. 84)

Já o morfema {*i-*}, quando se afixa a verbos transitivos, introduz um terceiro argumento à grade temática do predicado, como pode ser observado por meio dos exemplos abaixo.

- 35) a. *noi-x-o-a seno ne sini*  
 3-ver-CT-MOD-3OBJ mulher DET onça  
 “A mulher viu a onça” (NASCIMENTO, 2012, p. 83)
- b. *i-noi-x-o-a seno ovokuti ne kalivono*  
 CAUS-ver-CT-MOD-3OBJ mulher casa DET criança  
 “A mulher mostrou a casa para a criança”  
 “A mulher fez a criança ver a casa” (NASCIMENTO, 2012, p. 83)

Assim sendo, em Terena, os morfemas {*ko-*} e {*i-*} instanciam o núcleo causativo CAUSE<sup>0</sup>. A seleção de um ou outro morfema está essencialmente condicionada à natureza sintática do evento causado. Mais especificamente, se o complemento do



núcleo de CauseP for um verbo intransitivo, o morfema ativado será {*ko-*}. Por sua vez, caso o complemento de Cause<sup>o</sup> seja um verbo transitivo, será desengatilhada a unidade lexical {*i-*}. Como nas outras línguas analisadas neste trabalho, não é a natureza semântica do argumento externo selecionado por VoiceP que define qual morfema causativo irá emergir.

#### 4 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi investigar a causativização morfológica em algumas línguas indígenas à luz da proposta teórica de Pykkänen (2002, 2008), segundo a qual a estrutura sintática dos verbos transitivos causativos é dotada das projeções CauseP e VoiceP. De acordo com a autora, o núcleo CAUSE<sup>o</sup> tem como função introduzir o evento da causação, enquanto que o núcleo Voice<sup>o</sup> introduz o argumento externo agente. A proposta de Pykkänen (2002, 2008) é inovadora visto que a causativização é dissociada da inserção do argumento externo.

Com base nessa cisão, a autora argumenta a favor da ideia de que a instanciação do núcleo de CauseP se dá por meio das propriedades do predicado não causativizado. Mais precisamente, uma língua pode apresentar até três núcleos causativos, os quais correspondem a um CAUSE<sup>o</sup> que pode selecionar como complemento uma raiz, um VP e um vP fásico.

As línguas indígenas brasileiras trazem um conjunto de evidências empíricas a favor da proposta de que de fato a morfologia causativa é sensível às propriedades do predicado não causativizado. Como vimos, na língua Tenetehára, por exemplo, o morfema causativo é determinado por meio das propriedades sintáticas do predicado não causativizado. Se o predicado for intransitivo, manifesta-se o prefixo causativo {*mu-*}. Se o predicado for transitivo, realiza-se o sufixo causativo {*-kar*}. Na língua Terena, por sua vez, há dois morfemas causativos, os quais também são determinados pela propriedade sintática do predicado não causativizado. O prefixo {*ko-*} junta-se a verbos intransitivos e o prefixo {*i-*} afixa-se a verbos intransitivos. Em suma,



independente de qual seja o fator que engatilha a mudança da morfologia, o núcleo causativo é determinado a partir das propriedades presentes no predicado não causativo. Portanto, essas línguas apresentam evidências que confirmam a hipótese de que o núcleo de CauseP de fato é sensível ao seu complemento.

No entanto, a proposta tipológica de Pylkkänen (2002, 2008) aparentemente não dá conta de todas as situações apresentadas neste artigo. Na língua Kuikuro, por exemplo, a morfologia causativa alterna devido às propriedades semânticas, e não sintáticas, do predicado não causativo. Se o predicado for inergativo ou inacusativo, ocorre o sufixo {-ne}. Caso o predicado seja um verbo intransitivo psicológico, com um argumento nuclear, cujo papel temático seja de experienciador, manifesta-se o sufixo causativo {-ki}. Na língua Juruna, a variação da morfologia causativa também parece estar condicionada à natureza semântica do predicado não causativo. Quando há um predicado cujo argumento nuclear seja um agente, manifesta-se o morfema causativo {ũ-}. Quando tem um predicado cujo argumento nuclear corresponda a um afetado, realiza-se o morfema causativo {ma-}. Ou seja, nessas duas línguas, a morfologia causativa é determinada por fatores mais semânticos do que propriamente sintáticos, o que extrapola a proposta tipológica de Pylkkänen (2002, 2008).

Em síntese, vimos que, nas línguas indígenas brasileiras, apresentadas neste trabalho, a natureza sintática ou semântica do argumento externo, introduzido por VoiceP, não afeta na escolha do morfema causativo. Os morfemas causativos são selecionados conforme a natureza sintático-semântica do complemento de CauseP. Em termos teóricos, esses dados mostram que uma proposta teórica mais robusta certamente levaria em consideração não só as propriedades sintáticas, como também as propriedades semânticas do predicado não causativo.

## Referências

CAMARGOS, Q. F. **Estruturas causativas em Tenetehára: uma análise minimalista**. 2013. 190 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.



COMRIE, B. **Language universals and linguistic typology**. 2nd edition. Chicago: University of Chicago. 1989.

DUARTE, Fábio Bonfim; CASTRO, Ricardo Castro. Incorporação nominal, inergatividade e estrutura causativa em Tenetehára. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda; RODRIGUES, Aryon Dall'igna; DUARTE, Fábio Bonfim (Org.). **Línguas e culturas Tupí**. Campinas: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2010. v. 2. p. 43-61.

FARGETTI, C. M. **Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna**. 2001. 317 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Campinas, São Paulo.

FRANCHETTO, B. Kuikuro: uma língua ergativa no ramo meridional da família Karib (Alto Xingu). In: Queixalós, F. **Ergatividade na Amazônia**, v. 1. 2002. p. 1-23.

KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb. In: Rooryck, J.; Zaring, L. (eds.). **Phrase Structure and the Lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 1996.

LIMA, S. O. **A estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja). Da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas**. 2008. 297 f. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, São Paulo.

NASCIMENTO, G. B. N. **Aspectos gramaticais da língua Terena**. 2012. 127 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

PYLKKÄNEN, L. **Introducing Arguments**. 2002. 137 f. Tese de Doutorado – Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Cambridge.

\_\_\_\_\_. **Introducing Arguments**, Cambridge, The MIT Press. 2008.

RODRIGUES, A. D. Morfologia do Verbo Tupi. **Revista Letras**. v. 1, p. 121-152. 1953.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. A natureza das sentenças possessivas em Mbyá-Guarani, em F. Queixalós (ed.) **Des noms et de verbs en Tupi-Guarani: état de la question**. LINCOM Studies in Native American Linguistics, v. 37, Muenchen: Lincom Europa, 2001. p. 67-86.

\_\_\_\_\_. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras, **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, UFMG, v. 18 (1), p. 141-164. 2010.

WHALEY, L. **Introduction to typology: the unity and diversity of language**. Newbury Park: Sage Publications, 1997.

Recebido Para Publicação em 28 de fevereiro de 2015.

Aprovado Para Publicação em 26 de abril de 2015.